

Previsto maior aperto de crédito no 2º semestre

O professor Yuichi Tsukamoto, da Escola de Administração de Empresas de São Paulo—FGV, prevê um aperto muito forte na concessão de crédito pelas autoridades monetárias no segundo semestre deste ano, em virtude da renegociação das metas trimestrais estabelecidas com o Fundo Monetário Internacional, que será feita na próxima semana por uma equipe do Banco Central liderada por seu presidente, Carlos Langoni.

A intenção do governo, diz Tsukamoto, é manter os limites fixados para o ano de 1983 como um todo, desobrigando-se de atender as metas trimestrais. A consequência dessa orientação será o aperto do crédito concedido pelas autoridades monetárias, na segunda metade do ano, uma vez que já houve grande estouro no primeiro trimestre. Haverá, provavelmente, corte drástico dos subsídios e controle ainda maior nos gastos públicos.

O professor da FGV acha que a primeira medida a ser tomada para compensar o aperto de crédito das autoridades monetárias (BC e Banco do Brasil) será a eliminação do limite quantitativo, que permitirá maior competição entre os bancos e uma possível queda dos juros. "Entretanto, conforme experiência do passado, a força do oligopólio poderá inibir o grau desejado da queda."

Entre as medidas complementares, Tsukamoto espera uma redução das aplicações compulsórias, tais como as destinadas a pequenas e médias empresas, crédito rural, etc. Poderia também ocorrer uma diminuição dos depósitos compulsórios, mas essa medida é considerada mais difícil, em razão da dependência das autoridades monetárias em relação a esses recursos.

"Neste cenário — afirma ele — as estatais recorrerão à rede bancária privada, em vez de negociar com o BNDES ou o próprio ministro Delfim Netto, devendo prevalecer o critério de crédito baseado na perspectiva de retorno do projeto ou aplicação. Podemos, portanto, facilmente imaginar que as estatais não conseguiram levantar recursos."

Tsukamoto também aguarda uma onda de falências de empresas com fraqueza na estrutura do passivo ou na eficiência organizacional e operacional. "Será um teste de sobrevivência e um processo de saneamento econômico, que injetará forte dose de *business spirit*, necessária ao reordenamento e internacionalização da economia brasileira, sem o qual os problemas externos do Brasil não acharão saída.

BANCOS ESTRANGEIROS

A segunda medida para assegurar o aumento da competitividade no sistema financeiro no Brasil poderá ser a abertura aos bancos estrangeiros, "obviamente sob um esquema de dosagem controlada". O professor opina que "a eficiência operacional e organizacional dos bancos estrangeiros poderá criar uma condição bastante positiva para a competição bancária".

Os bancos estrangeiros trariam maiores recursos do Exterior, mas suas aplicações estariam sujeitas a "uma intensificação do uso do critério empresarial, fundado na viabilidade financeira do empreendimento (aplicação)".

Assim, Tsukamoto espera um processo de disciplinamento da economia, com profundo sacrifício. No entanto, para tornar viável esse cenário, há uma condição indispensável: a apresentação de um quadro global, realista, honesto, da economia brasileira.